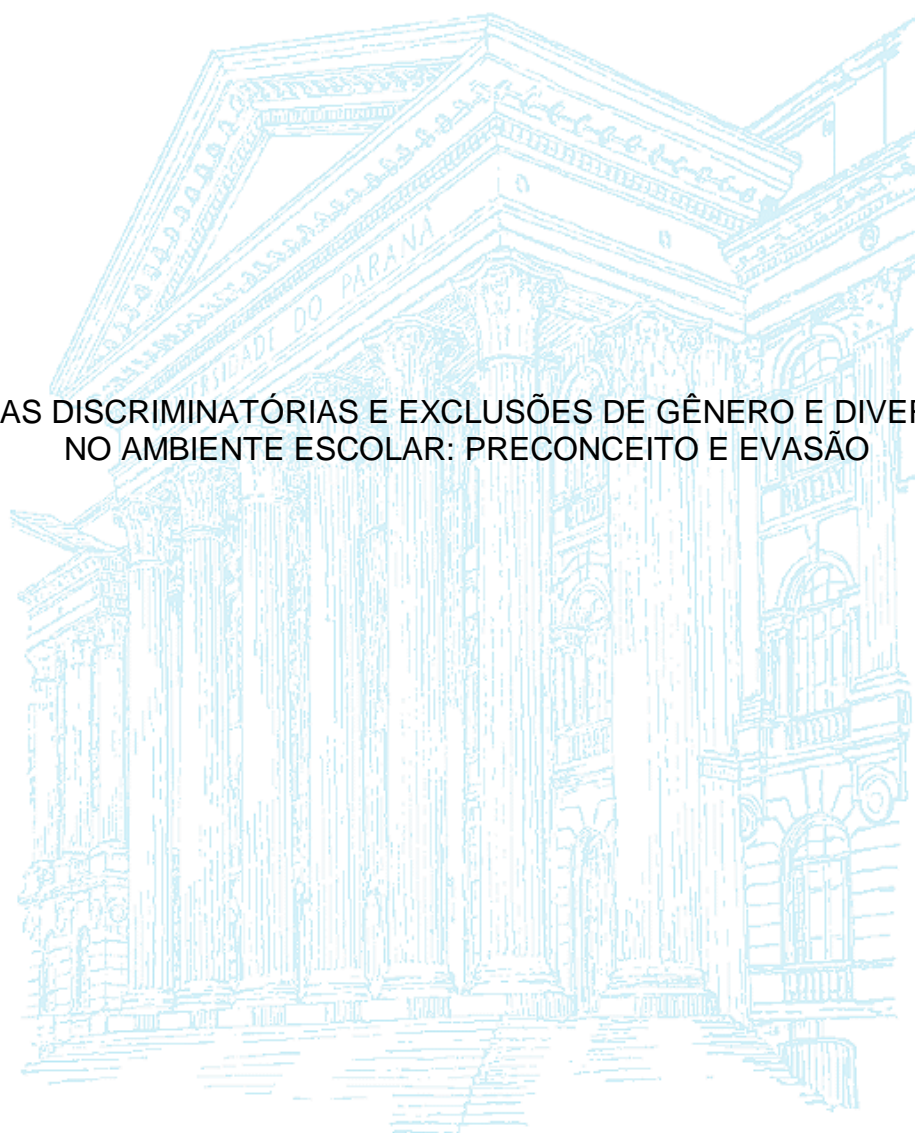


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JAMAIRA JURICH PILLATI

PRÁTICAS DISCRIMINATÓRIAS E EXCLUSÕES DE GÊNERO E DIVERSIDADE
NO AMBIENTE ESCOLAR: PRECONCEITO E EVASÃO



LAPA
2016

JAMAIRA JURICH PILLATI

PRÁTICAS DISCRIMINATÓRIAS E EXCLUSÕES DE GÊNERO E DIVERSIDADE
NO AMBIENTE ESCOLAR: PRECONCEITO E EVASÃO

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Rita Estela Salino

LAPA
2016

Práticas discriminatórias e exclusões de Gênero e Diversidade no ambiente escolar: preconceito e evasão.

Jamaira Jurich Pillati¹; Rita Estela Salino²

¹Professora da Secretaria Estadual de Educação do Paraná; E-mail: jamairajurichp@gmail.com

² Professora da Formação Continuada do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade (UFPR).
E-mail: ritasalino@yahoo.com.br

Resumo: O ambiente escolar brasileiro é composto pela diversidade cultural levando-se em conta a dimensão territorial, os aspectos socioeconômicos e as formas de colonização. O presente artigo tem como objetivo trazer algumas reflexões a respeito da importância de estimular professoras e professores a estarem alerta às práticas exclusivas e discriminadoras que permeiam o ambiente escolar, assim como a necessidade de constituir práticas pedagógicas que garantam um ambiente escolar seguro e que estejam voltadas ao desenvolvimento das diversas identidades individuais garantindo a permanência e igualdade de oportunidades às diferentes orientações sexuais e identidades de gênero. Podendo ilustrar a importância da ação de educadores junto a suas alunas e seus alunos, para além dos conteúdos obrigatórios e formais, buscando uma pedagogia mais humanizada. Para isso, partiremos de uma atividade pedagógica específica e da análise dos discursos produzidos por alunos de duas turmas do Ensino Médio que relataram suas experiências pessoais de momentos em que se sentiram excluídos no ambiente escolar em contextos que passam muitas vezes despercebidos pelos educadores, ou que são relegados frente ao currículo oficial.

Palavras-chave: evasão escolar; preconceito racial; violência de gênero; práticas pedagógicas.

Abstract: The Brazilian school environment consists of the cultural diversity considering the territorial dimension, socioeconomic aspects and forms of colonization. This article aims to give some reflections about the importance of encouraging teachers to be alert to the exclusive and discriminatory practices that permeate the school environment, and the need to establish teaching practices that ensure a school environment safe and focused on the development of the various individual identities ensuring permanence and equal opportunities for different sexual orientations and gender identities, thus being able to illustrate the importance of the educator action with his students, beyond the compulsory and formal content, seeking a pedagogy more humanized. For this, we start from a pedagogical specific activity and the analysis of discourses produced by students from two high school classes who told their personal experiences of times when they felt excluded at school in contexts that often go unnoticed by educators, relegated outside the official curriculum.

Key-words: school dropout; racial prejudice; gender violence; pedagogical practices.

INTRODUÇÃO

O ambiente escolar é permeado pela integração dos diferentes sujeitos que compõem a sociedade brasileira. Considerando a obrigatoriedade do Ensino Fundamental no país, podemos afirmar que discentes das mais diferentes etnias, religiões, origens e culturas encontram-se no cotidiano da escola.

Aqueles/as que povoam o mundo social da escola assistem no nosso dia a dia um pipocar infundável de discursos, enunciados, gestos e ocorrências e dele fazemos parte de variados modos. Trata-se de uma cotidianidade que se desdobra na esteira de situações corriqueiras, fortuitas e de outras mais incomuns. (JUNQUEIRA, 2010, p. 209)

A prática em sala de aula nos leva diariamente a pensar a estrutura em que estão colocados os indivíduos que devemos ensinar. Ao mesmo tempo, leva a questionar a efetividade das ações de educadoras e educadores. A verdade é que a escola, assim como a maioria das instituições carrega em seu espaço subjetivo uma postura normatizadora, sendo esta caracterizada como de maioria branca, heterossexual e cisgênero. Tais normas perpetuam-se em pequenas ações cotidianas dos indivíduos que as compõem. Segundo Bento:

As reiterações que produzem os gêneros e a heterossexualidade são marcadas por um terrorismo contínuo. Há um heteroterrorismo a cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica. Se um menino gosta de brincar de boneca, os heteroterroristas afirmarão: "Pare com isso! Isso não é coisa de menino!". A cada reiteração do/a pai/mãe ou professor/a, a cada "menino não chora!", "comporta-se como menina!", "isso é coisa de bicha!", a subjetividade daquele que é o objeto dessas reiterações é minada. (BENTO, 2011, p.552)

Os discursos cotidianos da escola estão muitas vezes carregados desse terrorismo que é reproduzido de maneira inerente pelos sujeitos que deveriam preocupar-se com a formação da identidade de alunas e alunos enquanto indivíduos. A visão de uma escola que elimina diferenças para melhor interação do sujeito com o grupo também se mostra uma questão a ser repensada. A manutenção desse modelo acaba por justificar o silêncio complacente de alguns educadores, quer por despreparo – ou ainda pior, por carregar-se de posturas discriminatórias – assumem um papel neutro frente a um ambiente sexista e racista.

Considera-se a escola como o ambiente responsável pela formação dos cidadãos e cidadãs preparados para intervir na sociedade. O currículo define quais as demandas de conhecimentos devem ser recebidas pelos sujeitos. Tomaz Tadeu Silva, ao se referir às teorias do currículo, faz as seguintes afirmações:

[...] O currículo é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo. [...] Qual o tipo de ser humano desejável para um tipo de sociedade? Será a pessoa racional e ilustrada do ideal humanista de educação? Será a pessoa otimizada e competitiva dos atuais modelos neoliberais de educação? Será a pessoa ajustada aos ideais de cidadania do moderno Estado-nação? Será a pessoa desconfiada e crítica dos arranjos sociais existentes preconizada nas teorias educacionais

críticas? A cada um desses “modelos” de ser humano corresponderá um tipo de conhecimento, um tipo de currículo. (2009, p. 15)

Cabe ressaltar que é essencial que o currículo esteja em constante debate na comunidade escolar. Propondo-se, então, transformações frente à diversidade social encontrada e as demandas às quais se deseja preparar os sujeitos enquanto indivíduos:

No fundo das teorias do currículo está, pois, uma questão de “identidade” ou de “subjetividade”. Se quisermos recorrer à etimologia da palavra “currículo”, que vem do latim *curriculum*, “pista de corrida”, podemos dizer que no curso dessa “corrida” que é o currículo acabamos por nos tornar o que somos. Nas discussões cotidianas, quando pensamos em currículo, pensamos apenas em conhecimento, esquecendo que no conhecimento que constitui o currículo está inextricavelmente, envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade. Talvez possamos dizer que, além de uma questão de conhecimento, o currículo é também uma questão de identidades. (SILVA, 2009, p. 15 – 16)

Como fazem notar as reflexões teóricas quanto à importância do currículo na constituição do ambiente escolar, assim como as demandas levantadas pelas lutas dos movimentos sociais, destaca-se a necessidade de se refletir sobre a existência de uma sociedade que segrega e discrimina, excluindo o outro, partindo-se do pressuposto que a diferença é ensinada, principalmente no ambiente escolar. Louro (2008, p. 22), “as marcas da diferença são inscritas e reinscritas pelas políticas e pelos saberes legitimados, reiteradas por variadas práticas sociais e pedagogias culturais”.

A criação de uma legislação específica obrigando escolas públicas e privadas a adotarem em seus currículos História da África e dos/as descendentes de africanos e africanas no Brasil (Lei 10.639/2003) assim como a introdução à História Indígena (Lei 11.465/2005) trazem a inclusão de estudos destas culturas a um currículo de manutenção eurocêntrica, provocando assim ações afirmativas ao debate e entendimento da diversidade sexual e de gênero:

Com a mudança de governo em 2003, verifica-se um aumento de ações e de debates em torno da necessidade de políticas educacionais voltadas para a promoção da equidade de gênero, da superação das desigualdades étnico-raciais e regionais, de enfrentamento do racismo e do preconceito em relação aos negros, homossexuais e outros grupos identitários, assim como de políticas públicas para adolescentes e jovens. A criação da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), e, no âmbito do Ministério da Educação, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) representam esforços no sentido de traçar políticas e propostas educacionais que possam efetivamente contribuir para a redução das desigualdades de gênero, étnico-raciais e de classe nos diferentes níveis de ensino. (WELLER; PAZ, 2011, p. 1 – 2)

Assim como a criação da Rede de Educação para a Diversidade¹. E essas ações instam a inserção das questões da diversidade no currículo através de leis e projetos pedagógicos, além da tomada de consciência da importância de aproximar e manter jovens que não se encaixam nos padrões normativos no ambiente escolar visto a preocupação com a evasão do sistema.

Os números de desistência assombram as gestões nas várias instâncias: Direção Escolar, Secretaria Estadual de Educação do Paraná e Ministério da Educação. A pesquisadora e professora da Universidade de São Paulo, Marília Pinto de Carvalho traz dados muito interessantes em relação à evasão e às diferenças produzidas pelo ambiente escolar entre meninos e meninas tais como de gênero: gravidez na adolescência; responsabilidade feminina pelo trabalho doméstico; responsabilidade masculina por auxiliar no sustento da casa; étnica/racial: brancos e negros, sendo os negros vitimados por não encontrarem identificação entre sua cultura e a representação realizada no ambiente escolar. (CARVALHO, 2001; 2003; 2009).

No entanto, Rogério Diniz Junqueira, ressalta que não só o sexismo e racismo adentram silenciosamente o espaço escolar, como também a homofobia. Nem sempre cruzado com números de evasão, as práticas homofóbicas e de heteronormatividade que, ainda que não distanciem sujeitos do ambiente escolar, podem levá-los a situações desestabilizadoras:

É preciso não descuidar que a homofobia, em qualquer circunstância é fator de sofrimento e injustiça. Também por isso, a ideia de que ela seria menos grave quando não produz rendimento, evasão ou abandono escolar, deve ser repelida. Afinal, inseridos/as em um cenário de stress, intimidação, assédio, não-acolhimento e desqualificação permanente, adolescentes e jovens estudantes homossexuais e transexuais são frequentemente levados/as a incorporar a necessidade de apresentarem um desempenho escolar irrepreensível, acima da média. (2010, p. 216 – 217)

Destaca-se que nem sempre a homofobia é notificada e relacionada com a evasão escolar, porém tais violências podem acarretar situações desestabilizadoras para pessoas LGBT.

Considerando esses aspectos, nem sempre a professora e o professor conseguem perceber estas questões em sala de aula. Para além das medidas afirmativas que ressaltamos que vieram a agregar o currículo oficial, existe ainda o chamado currículo oculto, ou seja, a subjetividade das estruturas escolares, normativas, disciplinares normatizadoras que permeia não só o ambiente escolar, mas que parte dos próprios educadores acabando por agravar o abismo que separa os sujeitos. Para Guacira Lopes Louro:

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. (2010, p. 57)

No entanto, seria muito frágil e ingênuo atribuir apenas à escola a reprodução de discursos e práticas discriminatórias. Ela se mostra também, como um reflexo da sociedade em que nos inserimos e, ao mesmo tempo, o ambiente de diversas possibilidades de intervenções positivas e debates colaborativos:

O grande desafio da educação talvez permaneça o mesmo: o de repensar o que é educar, como educar e para que educar. Em uma perspectiva não normalizadora, educar seria uma atividade dialógica em que as experiências até hoje invisibilizadas, não reconhecidas ou, mais comumente, violentadas,

passem a ser incorporadas no cotidiano escolar, modificando a hierarquia entre quem educa e quem é educado e buscando estabelecer mais simetria entre eles de forma a se passar da educação para um aprendizado relacional e transformador para ambos. (MISKOLCI, 2012, p. 51)

Ou seja, uma escola transformadora, agregadora e aberta à diversidade precisa também de educadores dispostos a interferir junto às questões de sexualidade, gênero e étnico-raciais, abandonando a postura da convivência, vinda muitas vezes da hesitação frente às situações que o cercam.

Pensando as questões proposta até aqui, os debates nos quais fomos inseridos durante todo o curso de Especialização de Gênero e Diversidade na Escola e a reflexão a respeito da importância do posicionamento da professora e do professor, realizou-se uma atividade que proporcionou uma provocação reflexiva em alunas e alunos em relação à diversidade, ao grupo em que estão inseridos e à complexidade dos sujeitos que são. Por meio de um trabalho de enfrentamento ao *bullying*, racismo, machismo e homofobia, os alunos de Ensino Médio tiveram a possibilidade de relatar suas experiências pessoais em episódios em que foram vítimas de práticas discriminatórias. Os relatos, que analisaremos ao longo do texto, trazem de maneira bastante curiosa, a escola como principal ambiente de violência, fazendo com que muitos cogitem a possibilidade de deixar os estudos para amenizar seu sofrimento.

Diante dessa reflexão, a pesquisadora, e também educadora, deparou-se com as situações aprofundadas em relação ao gênero e diversidade enfrentadas pelos alunos em seu cotidiano escolar. A respeito desse cenário, muitas reflexões serão realizadas ao longo do artigo, no intuito de pensar também, de que maneira essas práticas podem ter interferência positiva da comunidade escolar, diante da postura observadora na prevenção de tais acontecimentos, na detecção de situações negativas e na ação imediata diante de situações que indiquem riscos à integridade física e mental no desenvolvimento da vida escolar do aluno, evitando a evasão escolar.

OBJETIVOS

O presente artigo tem como objetivo avaliar a existência de práticas discriminatórias de Gênero e Diversidade no cotidiano da comunidade escolar e a possível interferência na evasão escolar.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- A) Identificar nos textos discursos discriminatórios e excludentes em relação ao gênero e à diversidade;
- B) Investigar a hipótese de que alunas e alunos que sofrem discriminação e exclusão no cotidiano escolar têm tendência a abandonar os estudos.

METODOLOGIA

A metodologia é de cunho qualitativo, por meio da análise do discurso, após exibição do filme “*As vantagens de ser invisível*”, com a escrita de 35 textos de

discentes do 2º ano do Ensino Médio de uma escola estadual do interior do Paraná. Com base em Minayo (1992, p. 69), as finalidades das análises da pesquisa qualitativa em termos de pesquisa social são: estabelecer uma compreensão dos dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas, e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-o com o contexto cultural do qual faz parte.

Para que as experiências relatadas nos textos fossem possíveis, foi necessária a realização de um trabalho pedagógico em torno da temática da discriminação. Partindo-se de uma aproximação emocional do grupo (educandos e professores), utilizou-se como ponto de partida o filme “*As vantagens de ser invisível*”², no qual a temática de *bullying*, homofobia e abuso são constantes. Procurou-se fazer com que as alunas e os alunos se sentissem envolvidos e tocados pelos casos de violência e que os sentissem identificados no seu cotidiano no ambiente escolar. O uso do filme como ferramenta pedagógica não só diversifica a maneira como tratar uma temática em aula, como também estabelece um vínculo entre personagem e espectador, o que facilita a sensibilização necessária para a realização de atividade crítica posterior. Posteriormente, houve um diálogo com as turmas sobre discursos normatizados que nem sempre são percebidos com clareza no cotidiano e questões abordadas no filme como o gênero: cenário machista; étnico-racial: racismo; orientação sexual e identidade de gênero: homofobia.

Como encerramento do trabalho, foi pedido que cada aluna e aluno escrevesse um texto no qual retratasse um momento em que tenha sofrido algum tipo de violência psicológica ou física – ou ainda um relato ocorrido com alguém próximo que o fez-se sentir impotente – usando como exemplo as situações abordadas no filme. Sendo assim, foram recebidas 35 cartas com discursos diferentes, que revelam um cenário bastante complexo que envolve os sujeitos em idade escolar. A revisão teórica de autoras e autores de Gênero e Diversidade contribuiu para que as análises dos discursos das alunas e dos alunos pudessem ser analisados e compreendidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante de uma dificuldade inicial de externar seus sentimentos em relação aos casos retratados no filme, e ao que pensavam serem ações erradas, injustas e até mesmo cruéis, de maneira oral, as cartas anônimas foram escritas. Algumas escritas de maneira mais formal, outras quase que como uma obrigação da tarefa de casa, houve, no entanto, relatos que demonstram o quanto são comuns e corriqueiros os casos de abuso e discriminação no cotidiano de alguns jovens.

Destaca-se que os depoimentos a serem apresentados no decorrer do texto foram escritos de próprio punho pelos alunos e alunas conforme dinâmica retratada na metodologia. Utilizou-se de alguns trechos para retratar as práticas de discriminação e exclusão em que os discentes estão inseridos e como são afetados pela mesma³.

Aluno 1: Minha vida sempre foi difícil. Todo dia quando eu ia para escola sempre voltava para casa triste me sentindo o estranho da turma, o ignorado da família, às vezes eu imagino minha vida totalmente diferente. E se eu tivesse nascido hétero? Será que tudo seria diferente. Às vezes eu penso que minha vida é um lixo, tentava me matar para ver se faria falta na vida de alguém. Sempre sofri *bullying*. Todo o santo dia ficava me

perguntando: será que eles são melhores que eu? (Coletânea pessoal, 2015)

Ao ater-se ao conteúdo da primeira carta, observa-se o discente reconhecendo-se como homossexual e como vítima de práticas de *bullying* durante sua vida escolar. É interessante notarmos que as políticas pedagógicas que despertam o aluno para a existência do *bullying* têm feito com que alunas e alunos reconheçam quando são vítimas ou quando alguém próximo é. Na forma de perseguição, violência física, sendo que esta também pode estar escondida nas brincadeiras que nem sempre são levadas a sério por professoras, professores e equipe pedagógica.

Aluna 5: Muitas vezes me sinto excluída, principalmente quando chego em um lugar e mudam de assunto ou começam a falar e olhar de canto. Teve um dia que algumas garotas inventaram para um aluno algumas coisas que ele, revoltado, levou à direção do colégio. E as alunas apresentaram um papel que denegria a imagem do aluno, falando ser de minha autoria. Isto me abalou de um modo que hoje não consigo confiar nas pessoas que tentam se aproximar de mim. (Coletânea pessoal, 2015)

Como não podemos medir o nível destrutivo do *bullying* em cada indivíduo, os sujeitos podem traduzi-lo das mais diversas maneiras: “se configura em uma subcategoria de violência específica, abrangendo muito mais do que entendimentos cotidianos escolares e problemas estudantis, representa um verdadeiro processo maléfico às vítimas nele inseridas podendo, inclusive, ser fatal.” (WANZINACK, 2014, p. 67).

Aluno 7: Eu tenho um amigo que tentou se matar por causa de bullying. Porque chamavam ele de Dumbo, orelha de abano e outras coisas, mas com ajuda e conselhos de amigos aprendeu a deixar para lá. Aprendeu a aceitar a si mesmo e não ligou para o que os outros falam. (Coletânea pessoal, 2015)

Como poucas vezes os agressores sofrem algum tipo de punição ou advertência por parte da escola, os discursos de “superação” são constantes:

Aluna 22: [...] Percebo que essas coisas que aconteceram comigo contribuíram demais pro que eu acho de mim mesma hoje em dia. Acreditar em um simples comentário, de que sou linda ou de que não sou gorda, pra mim é muito difícil. Nunca acho que alguém vai me querer, sou completamente insegura com minha aparência, apesar de não demonstrar isso para ninguém. (Coletânea pessoal, 2015)

Aluno 30: [...] Mas se não levar na esportiva vai se sentir só, excluído de algo. O certo a fazer é sorrir junto, pois assim ele vê que nada te atinge e tira o sorriso do rosto e passa e te respeitar. Apenas se colocar no lugar do outro, pensar que quando chegar na casa dele vai estar com peso na consciência. Ele vai querer estar errado, mas só não vai ver que tanto faz, pois eu me sinto bem assim. Eu quero emagrecer, mas é por saúde, mas também por emagrecer. (Coletânea pessoal, 2015)

Wanzinack (2014) ressalta que os sentimentos de angústia, tristeza, raiva, mágoa e depressão podem perdurar por toda a vida afetando o convívio da vítima com a família, amigos e colegas o que pode ocasionar desinteresse pelo ambiente

escolar e consequente evasão. Não apenas a agressão, mas o sentimento de exclusão e solidão aparece como uma ameaça à autoestima e à permanência do adolescente na escola.

Aluna 5: [...] Chegando aqui tinha a esperança de arrumar novas amigas mas nada disso aconteceu, e cada vez fui ficando mais fechada, guardava todas as minhas tristezas só para mim, ir para escola era algo tão ruim que me dava angústia só de pensar. Os trabalhos em grupo eram e são até hoje uma guerra para mim, quando todos se juntam e eu fico lá sozinha, sem saber o que fazer, me perguntando o que tinha de errado para ser excluída dos grupos. Aquilo me doía tanto, mas tanto que só esperava chegar em casa para desabar no choro, [...] fiquei nove noites sem dormir e só pensava em suicídio, me perguntava porque tinha nascido e porque nada de bom acontecia comigo, implorava a Deus por um amigo [...].(Coletânea pessoal, 2015)

Aluno 6: Eu quando entrei nesta escola não tenho muitos amigos. Na sala de aula em todo trabalho sobrava eu. Sempre ficava de fones na hora do recreio. Agora tenho alguns amigos. Mas no começo foi muito foda, eu sempre ia embora deprimido e não tinha vontade de ir para a escola e não gostava de fazer nada na escola. (Coletânea pessoal, 2015)

Nem sempre a comunidade escolar está atenta a essas alunas e alunos considerados tímidos e retraídos, mas que podem carregar um sentimento de exclusão ou desajuste frente ao perfil de outros alunos.

O considerado socialmente normal, e reproduzido no ambiente escolar, perpassa não só pelo comportamento, mas por padrões instituídos sobre os corpos, o bom e o ruim, o que é belo e o que é feio; a passividade ou a neutralidade do espaço escolar corrobora com “[...] a perpetuação da discriminação direcionada às marcas sociais que se constituem nessas diferenças de orientação sexual, raças, origens territoriais, sociais e culturais configuradas como não hegemônicas, ou seja não inseridas no escopo das normas sociais vigentes” (MISKOLSKI, 2010, p. 118). O preconceito étnico-racial também se apresenta de maneiras diversas:

Aluno 14: Quando eu era menor, fui muito discriminado pela minha roupa, meu cabelo. Quando entrei em uma loja, não fui atendido por ninguém, fiquei um tempo esperando, mas ninguém me atendeu.

Aluna 10: Bem, hoje em dia eu sofro preconceito por causa do meu cabelo. Até na escola. Por eu ter cabelo crespo, tem gente que tira sarro, dá risada, até quer pegar pra ver se é duro ou se machuca. Bom, muita burrice. Mas o que irrita mesmo é eu estar andando na rua e a pessoa muito pasmada fica olhando e não pisca o olho do meu cabelo depois na minha cara e não fala nada, só fica olhando. [...] antes eu tinha tanta vergonha que prendia o meu cabelo. Faz apenas 2 anos que ando com ele solto. (Coletânea pessoal, 2015)

Em uma análise mais cuidadosa do depoimento da Aluna 10, podemos observar não só aspectos de discriminação étnico-racial – direcionada aos cabelos da garota – mas também, o discurso normatizador e opressor sobre o corpo feminino, partindo de um ideal de beleza branco. A violência contra a mulher – física, sexual e psicológica – parece ser inclusive uma constante na vida de muitas meninas.

Aluna 2: [...] Quando eu tinha 9 anos, o meu pai brigava com minha mãe batia muito nela, eu sofria muito com isso. Quando eu tinha 12 anos o meu pai falava palavras que marcam até hoje. Ele falava que eu iria ser puta,

biscate e muitas outras. E também falava: pra que estudar para ser biscate não precisa estudar [...](Coletânea pessoal, 2015)

Aluna 19: Há mais ou menos três anos atrás eu conheci uma garota e começamos a sair juntas, ir na igreja juntas, ir na casa uma da outra e um dia chuvoso nós saímos e um rapaz foi buscar nós. Ele era irmão dela, desde aquele dia ele não largou mais do meu pé.

Então a gente começou a ser amigos até que um dia a gente ficou e aquilo se repetiu várias vezes.

Uma noite a irmã dele me ligou me convidando para ir posar na casa dela, eu estava indo quando um carro parou do meu lado, olhei, era o irmão dela. Ele falou que era pra eu entrar que a minha amiga estava no posto de saúde, então entrei.

No meio do caminho ele falou que precisava chegar em casa então concordei e chegamos lá. Entramos, ele logo me agarrou, eu falava que não queria, mas ele não me soltava, me trancou em um quarto e lá começou o terror.

Com o tempo, com muito medo contei para minha mãe, denunciemos ele. Quando chamaram ele lá para depor ele falou que era casado e tinha filho e que eu que dei em cima dele, falou tudo ao contrário do que tinha acontecido, mas enfim, eu fiquei de ruim na história.

A minha amizade com a garota acabou, porque ela não me ajudou a escapar dele, mas ajudou ele a acabar com minha vida. E até hoje quando ele me vê fica passando de carro e buzinando pra chamar minha atenção. Depois desse fato fiquei com um grande medo. (Coletânea pessoal, 2015)

Aluna 21: Já passei por momentos bem difíceis. Desde pequena cresci vendo o meu pai xingar, brigar e bater na minha mãe, isso foram muitos anos até meus 15 anos e na minha pré-adolescência fui assediada sexualmente por um senhor de mais ou menos 50 anos. Chorei muito quando tudo isso aconteceu, tanto com minha mãe que apanhava do meu pai e vendo meus irmãos pequenos sofrendo daquele jeito, quanto comigo que passava por uma coisa que nenhuma criança ou adulto deveria passar. Fui crescendo e como já tinha passado por muita coisa durante todo esse trajeto da minha vida, cresci sendo uma adolescente revoltada até ficar com depressão e sou até hoje dependente de calmantes. [...](Coletânea pessoal, 2015)

Do abuso psicológico, ao físico e sexual, os três discursos acima carregam um aspecto frequente nos casos de violência contra a mulher: a culpabilização da vítima. A cultura do estupro e do domínio da mulher em todos os aspectos é sentido por essas meninas desde muito cedo,

[...] a violência sexual, entendida como forma de controle cultural sobre os corpos das mulheres e não apenas como meros desvios individuais de criminosos, constitui uma das expressões mais graves do patriarcado, o que é facilmente comprovado por estatistas que se prolongam até dias atuais. (FILHO; FERNANDES, 2015, p. 5)

Essa violência também pode ser notada quando é atribuída negatividade à performance estereotipada como feminina – o ser objeto, ser sensível, ser “mulherzinha” – é utilizado como argumento de agressão não só as mulheres cisgênero, mas também uma maneira de diminuir homossexuais homens. Segundo Junqueira:

Processos heteronormativos de construção de sujeitos masculinos obrigatoriamente heterossexuais se fazem acompanhar pela rejeição da

feminilidade e da masculinidade por meio de atitudes, discursos e comportamentos, não raro, abertamente homofóbicos. Tais processos – que são pedagógicos e curriculares – produzem e alimentam a homofobia e a misoginia, especialmente entre meninos e rapazes. Para eles, o “outro” passa a ser principalmente as mulheres e os gays e, para merecerem suas identidades masculinas e heterossexuais, deverão dar mostras contínuas de terem exorcizado de si mesmos a feminilidade e a homossexualidade. À disposição deles estará um inesgotável arsenal “inofensivo” de piadas e brincadeiras (racistas, misóginas e homofóbicas). E eles deverão se distanciar do mundo das meninas e ser cautelosos na expressão de intimidade com outros homens[...] (2010, p. 214)

Observemos estes aspectos no discurso que se segue:

Quem é perfeito? Um hétero, um branco, um corpo definido, uma moça com grandes seios e uma bunda grande? Garotos jogam futsal, meninas vôlei. Rosa, azul, carrinho, boneca. Esses simples detalhes separam homens e mulheres no decorrer da vida. [...] o *bullying* começou antes, desde que eu era pequeno, por ser gordinho, andar de forma feminina, você é excluído por muitos. No quinto ano, bem, lá olha, o gordo gay feio, eu sabia que eles falavam, eu era excluído, não queria ir para a aula, comecei a faltar até ter muitas faltas na verdade um bimestre inteiro de faltas. Aí eu fui morar com a minha tia em outra cidade.

No começo foi bom, mas estava com feridas em mim, minha família não sabia o motivo das faltas, só achavam que eu era rebelde e com 11 anos. Sem saber o motivo, minha tia que eu amo muito me aceitou, me deu amor, me deu carinho, cuidados que minha mãe não tinha tempo para dar. Veja, meu pai foi embora com 4 ou 3 anos depois do meu nascimento, minha mãe é empregada doméstica, foi assim, eu na creche, ela no trabalho, e depois veio minha irmã [...] voltei para cá porque fiz burrada. Aqui agora na casa do meu pai, minha madrasta fazia *bullying* comigo, dizia que ia chamar um “negão” para mim, foi horrível. Meu pai, acho que ele nem sabe disso, mas eu fugi dela para a casa da minha mãe [...] ainda escuto muito de mim, ainda dói GAY BICHA VIADO [...] meu melhor amigo é gay e sofre, minha colega com quem ando é homofóbica, meu pai faz uns meses que não falo com ele e sabe do que eles me chamam? Gay, estranho, alegre, amigo, bicha, viado. O que fala errado “craro”.

Estou acostumado, tentando entender. Digo para mim mesmo que eles têm inveja de mim, talvez seja isso. Eu não consigo dizer tudo o que passei, ainda estou aprendendo a andar [...]

As agressões são inúmeras e, visto que esse aluno relatou que trocou de escola inúmeras vezes, o mesmo pode se encaixar em um perfil de sujeito homossexual destacado no texto de Junqueira, que se mantém firme nos estudos para ser “bom” em algo e aceito em alguma instância. No entanto, a sinceridade presente nas entrelinhas desse último depoimento, demonstra um quadro de abuso, homofobia e solidão dos quais talvez a comunidade escolar nem faça ideia. Desta maneira, entendemos que não só um debate teórico que previna atitudes discriminatórias, mas também, o conhecimento que a comunidade escolar pode ter sobre a aluna e o aluno e turma são essenciais para uma interferência positiva junto à realidade social desses sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se nos objetivos iniciais do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade havia o intuito de levar à sala de aula os debates em relação à diversidade sexual, de gênero e étnico-racial, deve-se admitir que ao final da atividade a ideia de troca de experiências entre educador e educandos foi contemplada de maneira especial.

Para além de encontrar a possibilidade de diálogo junto aos discentes do 2º ano do Ensino Médio – faixa etária nem sempre tão fácil de trabalhar, jovens adolescentes, questões delicadas foram diagnosticadas. Sendo casos de machismo, homofobia e racismo, capazes de disseminar a intolerância manifestada por meio da violência como: a agressão, o xingamento, as piadinhas, as fofocas, entre outros. As vítimas carregarão as marcas desses casos e, na maior parte das vezes, sofrem isolados, não são vistos nem ouvidos.

No intuito de dar voz à vítima, a experiência de pensar em nas suas próprias vivências e colocá-las no papel, fez com que o discurso escrito em forma de texto tivesse mais profundidade. O desafio foi provocar a empatia e o sentimento de grupo em diferentes sujeitos. O estabelecimento de uma relação de confiança discente-docente também se revelou crucial para o bom caminho do trabalho. Se considerarmos as teorias psicopedagógicas de Wallon, podemos refletir sobre a necessidade da afeição junto à aprendizagem. Decaimos novamente na importância da comunidade escolar assumir o papel ativo no ambiente escolar na formação dos sujeitos, qual cidadania construir e preservar na comunidade escolar. Como colocado na introdução do material distribuído no começo deste curso:

[...] ir além da promoção de uma atitude apenas tolerante para com a diferença, o que em si já é uma grande tarefa, sem dúvida. Afinal, as sociedades fazem parte do fluxo mais geral da vida e a vida só preserva, só se renova, só resiste às forças que podem destruí-la através da produção contínua e incansável de diferenças, de infinitas variações. (CARRARA, 2009, p. 15)

Uma formação de cidadãos e cidadãs que entendam as diferenças num projeto de equidade de direitos, ou ainda, que desperte na comunidade escolar o mínimo de visão sobre o outro. A necessidade de se colocar o tema da diversidade na escola, assim como a tarefa diária de se repensar o próprio fazer de educadoras e educadores. Os textos evidenciaram as práticas discriminatórias ao revelar exemplos de agressões físicas e psicológicas sofridas pelos discentes. Tais práticas alertam para a importância de estimular a comunidade escolar a estar atenta às práticas de exclusão e discriminação que permeiam o ambiente escolar, assim como a necessidade de constituir práticas pedagógicas que garantam um ambiente escolar democrático e laico baseado na igualdade e na liberdade, com pleno acesso à educação e o desenvolvimento da diversidade, permeada pelas identidades, orientações sexuais, identidades de gênero e raça, sendo esse ambiente favorável à permanência do discente na escola, reduzindo-se, assim, a evasão escolar.

Por fim, o posicionamento da comunidade escolar em relação a casos de exclusão deve ser revisitado, pensando qual a função da comunidade escolar diante de um conceito de sociedade pós-moderna e seus conflitos intrínsecos refletidos na escola.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente ao meu marido, amigos e família pela compreensão em momentos de ausência devido aos estudos. Aos colegas Deleon, Merylyn e Priscielli, por tornarem nossas viagens e encontros tão agradáveis. Aos professores, especialmente à Rita, por sua atenciosa orientação, e à Brenda, por ser tão prestativa e ser, por si só, uma grande lição para nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cartas produzidas por alunas e alunos do Ensino Médio de escola estadual da SEED – PR em atividade escolar. Coletânea pessoal, 2015.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**. V. 19. N. 2. Florianópolis: UFSC, 2011.

CARVALHO, Marília Pinto de. Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v.9. n.2. dez. 2001

_____. Sucesso e fracasso escolar: uma questão de gênero. **Educação e Pesquisa**. v.29 n.1 São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo Jan./Jun. 2003.

_____. O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça. In: PISCITELLI, Adriana et al. (Org.). **Olhares Feministas**. Brasília: Ministério da Educação; UNESCO, 2009.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

CORTES, Marcelo Neri (coord.). **O Tempo de Permanência na Escola e as Motivações dos Sem-escola**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2009.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**. Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008.

DINIS, Nilson Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em Revista**. n. 39. Curitiba: Editora UFPR, jan./abr. 2011.

FILHO, Francisco Humberto Cunha; FERNANDES, Leonísia Moura. **Violência sexual e culpabilização da vítima: sociedade patriarcal e seus reflexos no ordenamento jurídico brasileiro**. Disponível em: <http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=47f5d6b9ad18d160> ..

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1991.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico. Espaço do Currículo. v.2, n.2, Setembro de 2009 a Março de 2010. João Pessoa: UFPB, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 11 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

LUNA, S. V. de. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. São Paulo: Educ, 1997.

MISKOLCI, Richard (Orgs). **Marcas da diferença no ensino escolar**. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**: Uma Introdução às Teorias de Currículo. 3ª Ed. Editora Autêntica. 2009.

SPARGO, Tamsim. **Foucault e a Teoria Queer**. Tradução: Vladimir Freire. Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.

WELLER, Wivian; PAZ, Cláudia Denis Alves da. Gênero, raça e sexualidade nas políticas educacionais: avanços e desafios. In: **Anais do Simpósio Brasileiro e II Congresso Ibero-Americano de política e administração da educação**. São Paulo: Anpae, 2011.

WANZINACK, C. Bullying e cyberbullying: faces silenciosas da violência. In: SIERRA, J. C. e SIGMORELLI, M. C. (Ed.). **Diversidade e Educação**: intersecções entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia. Matinhos: UFPR LITORAL, 2014.

¹ “A Rede de Educação para a Diversidade (Rede) é um grupo permanente de instituições públicas de ensino superior dedicado à formação continuada de profissionais de educação. O objetivo é disseminar e desenvolver metodologias educacionais para a inserção dos temas da diversidade no cotidiano das salas de aula. São ofertados cursos de formação continuada para professores da rede pública da educação básica em oito áreas da diversidade: relações étnico-raciais, gênero e diversidade, formação de tutores, jovens e adultos, educação do campo, educação integral e integrada, ambiental e diversidade e cidadania.” (MEC - <http://portal.mec.gov.br/rede-de-educacao-para-a-diversidade>)

² As Vantagens de Ser Invisível (*The Perks of Being a Wallflower*) é um filme americano lançado em 21 de setembro de 2012 nos Estados Unidos e em 19 de outubro de 2012 no Brasil. É estrelado por Logan Lerman, Emma Watson e Ezra Miller como Charlie, Sam e Patrick, respectivamente. É a adaptação do livro homônimo de Stephen Chbosky. Charlie é um jovem solitário que já passou por traumas em sua vida. Ele convive com o suicídio recente de um amigo e as lembranças da morte da tia em um acidente. Começando o ensino médio, ele tem dificuldades em encontrar novos amigos, ainda mais que todas as panelinhas do colégio já estão formadas. Com o tempo acaba conhecendo Patrick e sua meia-irmã Sam, com quem passa a conviver diariamente. Ele descobre a felicidade, mas ainda sente falta de alguma coisa em sua vida. Outros amigos desajustados aparecem pelo caminho, como a budista punk Mary Elizabeth (Mae Whitman, de Scott Pilgrim Contra o Mundo), mas

o filme foca mesmo nos três citados acima. Em busca do amor, da felicidade e da aceitação, eles se unem em uma amizade verdadeira. (<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-182120/criticas-adorocinema/>).

³ Erros gramaticais presentes nos textos originais foram abstraídos das transcrições para que houvesse mais atenção aos conteúdos. Os maneirismos vindos da linguagem coloquial, no entanto, foram mantidos.